



Poemas literários da
literatura brasileira.

Era Colonial-Quinhentismo

Jesus Na Manjedoura

Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado? - Jazo aqui por teu pecado. - Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal pobreza? - Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado. -

Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão pequenino? - O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de tal idade? - Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.

Pe.José de Anchieta

Seiscentismo ou Barroco

Se....

Falsa gentileza vã, A quem segue o teu verdor!
Adverte, que se hoje és flor, Serás caveira amanhã.
Essa beleza louça Te está mesmo condenando... Se
corres, com pano largo, Trás dos deleites de uma
hora, Vê bem que o que é doce agora Te há de ser
depois amargo. Desperta desse letargo Que que os
vícios te detêm, E vive como convém; Pois se sabes
que és mortal, Olha bem: não morras mal, Olha
bem que vivas bem. Se a esperar tempo te atreves,
Mal na vida te confias; Pois são tão curtos os dias,
Quanto as horas são mais breves. Deixa os gostos
vão e leves, Que tanto estás anelando: Trata de ir-
te aparelhando Para a morte, e sem demora;
Porque não sabes a hora, Porque não sabes o
quando. Deixa o mundo os enganar, Não queiras
em tanta lida, Por breve gostos da vida Penar por
eternos anos.

Gregório de Matos

Setecentismo ou Arcadismo

Morte, Juízo, Inferno e Paraíso

Em que estado, meu bem, por ti me vejo, Em que estado infeliz, penoso e duro! Delido o coração de um fogo impuro, Meus pesados grilhões adoro e beijo. Quando te logro mais, mais te desejo; Quando te encontro mais, mais te procuro; Quando mo juras mais, menos seguro Julgo esse doce amor, que adorna o pejo. Assim passo, assim vivo, assim meus fados Me desarreigam da alma a paz e o riso, Sendo só meu sustento os meus cuidados; E, de todo apagada a luz do siso, Esquecem-me (ai de mim!) por teus agrados Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.

Manoel Maria Du Bocage

Era Nacional-Romantismo

A Duas Flores

**São duas flores unidas São duas rosas nascidas
Talvez do mesmo arrebol, Vivendo, no mesmo
galho, Da mesma gota de orvalho, Do mesmo raio
de sol. Unidas, bem como as penas das duas asas
pequenas De um passarinho do céu... Como um
casal de rolinhas, Como a tribo de andorinhas Da
tarde no frouxo véu. Unidas, bem como os prantos,
Que em parelha descem tantos Das profundezas
do olhar... Como o suspiro e o desgosto, Como as
cavinhas do rosto, Como as estrelas do mar.
Unidas... Ai quem pudera Numa eterna primavera
Viver, qual vive esta flor. Juntar as rosas da vida
Na rama verde e florida, Na verde rama do amor!**

Castro Alves

Realismo

Relíquia Íntima

Ilustríssimo, caro e velho amigo, Saberás que, por um motivo urgente, Na quinta-feira, nove do corrente, Preciso muito de falar contigo. E aproveitando o portador te digo, Que nessa ocasião terás presente, A esperada gravura de patente Em que o Dante regressa do Inimigo. Manda-me pois dizer pelo bombeiro Se às três e meia te acharás postado Junto à porta do Garnier livreiro: Senão, escolhe outro lugar azado; Mas dá logo a resposta ao mensageiro, E continua a crer no teu Machado.

Machado De Assis

Naturalismo

Lembranças de Morrer

**Eu deixo a vida como deixa o tédio Do deserto, o
poento caminheiro, - Como as horas de um longo
pesadelo Que se desfaz ao dobre de um sineiro;
Como o desterro de minh'alma errante, Onde fogo
insensato a consumia: Só levo uma saudade - é
desses tempos Que amorosa ilusão embelecia. Só
levo uma saudade - é dessas sombras Que eu
sentia velar nas noites minhas. De ti, ó minha mãe,
pobre coitada, Que por minha tristeza te definhas!
Se uma lágrima as pálpebras me inunda, Se um
suspiro nos seios treme ainda, É pela virgem que
sonhei. que nunca Aos lábios me encostou a face
linda! Só tu à mocidade sonhadora Do pálido poeta
deste flores. Se viveu, foi por ti! e de esperança De
na vida gozar de teus amores. Beijarei a verdade
santa e nua, Verei cristalizar-se o sonho amigo. Ó
minha virgem dos errantes sonhos, Filha do céu, eu
vou amar contigo! Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida, À sombra de**

**uma cruz, e escrevam nela: Foi poeta - sonhou - e
Parnasianismo
amou na vida.**

**Deixa o olhar do mundo
Alvares de Azevedo**

**Deixa que o olhar do mundo enfim devesse Teu
grande amor que é teu maior segredo! Que terias
perdido, se, mais cedo, Todo o afeto que sentes se
mostrasse? Basta de enganar! Mostra-me sem
medo Aos homens, afrontando-os face a face:
Quero que os homens todos, quando eu passe,
Invejosos, apontem-me com o dedo. Olha: não
posso mais! Ando tão cheio Deste amor, que minh
'alma se consome De te exaltar aos olhos do
universo... Ouço em tudo teu nome, em tudo o leio:
E, fatigado de calar teu nome, Quase o revelo no
final de um verso.**

Olavo Bilac

Simbolismo

Alma solitária

Ó Alma doce e triste e palpitante! que cítaras soluçam solitárias pelas Regiões longínquas, visionárias do teu Sonho secreto e fascinante!

Quantas zonas de luz purificante, quantos silêncios, quantas sombras várias de esferas imortais, imaginárias, falam contigo, ó Alma cativante! que chama acende os teus faróis noturnos e veste os teus mistérios taciturnos dos esplendores do arco de aliança? Por que és assim, melancolicamente, como um arcanjo infante, adolescente, esquecido nos vales da Esperança?!

Cruz e Sousa

Pré-Modernismo

Saudade

**Hoje que a mágoa me apunhala o seio, E o coração
me rasga atroz, imensa, Eu a bendigo da
descrença, em meio, Porque eu hoje só vivo da
descrença. À noite quando em funda soledade
Minh'alma se recolhe tristemente, P'ra iluminar-
me a alma descontente, Se acende o círio triste da
Saudade. E assim afeito às mágoas e ao tormento,
E à dor e ao sofrimento eterno afeito, Para dar vida
à dor e ao sofrimento, Da saudade na campa
enegrecida Guardo a lembrança que me sangra o
peito, Mas que no entanto me alimenta a vida.**

Augusto Dos Anjos

Modernismo

Canto de regresso à pátria

**Minha terra tem palmares Onde gorjeia o mar Os
passarinhos daqui Não cantam como os de lá
Minha terra tem mais rosas E quase que mais
amores Minha terra tem mais ouro Minha terra tem
mais terra Ouro terra amor e rosas Eu quero tudo
de lá Não permita Deus que eu morra Sem que
volte para lá Não permita Deus que eu morra Sem
que volte pra São Paulo Sem que veja a Rua 15 E o
progresso de São Paulo.**

Oswald de Andrade

Pós-Modernismo-Concretismo

O Vivo

Não queiras ser mais vivo do que és morto. As sempre-vivas morrem diariamente Pisadas por teus pés enquanto nasces. Não queiras ser mais morto do que és vivo. As mortas-vivas rompem as mortalhas Miram-se umas nas outras e retornam (Seus cabelos azuis, como arrastam o vento!) Para amassar o pão da própria carne. Ó vivo-morto que escarnecem as paredes, Queres ouvir e falas. Queres morrer e dormes. Há muito que as espadas Te atravessando lentamente lado a lado Partiram tua voz. Sorris. Queres morrer e morres.

Augusto de Campos